

---

**TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS E ESTRUTURAIS  
DA AGRICULTURA BRASILEIRA**

**Versão para Discussão**

José Arnaldo F.G. Oliveira  
Ronaldo Vasconcelos  
Brancolina Ferreira

**Brasília, Dezembro de 2000.**

---

## **Transformações Espaciais e Estruturais da Agricultura Brasileira**

### **Índice**

1. Introdução .....	01
2. Metodologia.....	02
3. Discussão dos Resultados.....	05
3.1.Composição do Valor Bruto da Produção.....	05
3.2.Dinâmica da População Rural.....	07
3.3.Capacidade de Geração de Ocupação Rural.....	10
3.4.Índice de Ocupação Rural.....	13
3.5. Produtividade da Mão-de-Obra.....	16
3.6.Produtividade da Terra.....	19
4. Conclusão.....	21
5. Anexos e Mapas	

# **Transformações Espaciais e Estruturais da Agricultura Brasileira**

## **1. Introdução**

As transformações ocorridas no cenário macroeconômico no final da década passada e, principalmente, na presente década, impuseram a necessidade de ajustes aos setores econômicos, que determinaram uma nova e diferenciada dinâmica ao nível espacial e intra-setorial .

No caso da agricultura e da pecuária os fenômenos mais marcantes foram, de um lado, a retirada do Estado como provedor de crédito rural farto e subsidiado e, de outro, a abertura comercial em ritmo acelerado a partir do final dos anos 90. Mais recentemente, a mudança da política cambial impactou o setor agrícola, sendo que os efeitos por ela produzidos, principalmente nos segmentos mais competitivos da agropecuária, sinalizam para alguma restrição ao seu crescimento pelo aumento dos custos dos fatores importados. A conjunção destes fatos, aliada à ausência de programas de reconversão produtiva em agricultura determinou a completa exposição setorial a um mercado agropecuário mundialmente protegido, fortalecendo a criação de um modelo de desenvolvimento agrícola considerado excludente, tanto em termos de atores econômicos, quanto em espaços territoriais. Tal modelo, visto sob a ótica estritamente produtivista, tem apresentado resultados positivos, como o aumento acelerado da produtividade agrícola e a aderência aos objetivos macroeconômicos de elevação das exportações e da demanda por bens produzidos por diversos segmentos do setor industrial.

O estudo proposto pretende identificar e localizar alguns efeitos colaterais que referido modelo reproduziu na sociedade brasileira, buscando

estabelecer a conexão entre o processo de crescimento do produto agropecuário com algumas transformações recentemente observadas na estrutura produtiva da agricultura brasileira, por intermédio da elaboração de indicadores selecionados.

Partindo da premissa de que o exercício da atividade de produção agropecuária não se restringe à estrita execução de um “pacote tecnológico”, o estudo coloca em perspectiva o comportamento recente da agricultura brasileira, assumindo a inexorabilidade de se caminhar aceleradamente para métodos de produção cada vez mais eficientes, mas apontando para a desestruturação produtiva de espaços territoriais marginalizados do crescimento que, em última análise, acabam por determinar custos sociais que precisam ser melhor avaliados.

Nesse contexto, o presente estudo objetiva chamar a atenção para a possibilidade e a necessidade de se incorporar ao processo de formulação da política setorial agrícola e agrária elementos de avaliação da dinâmica espacial e social, não como restrição à implantação destas políticas, mas como fatores relevantes a serem considerados.

## **2. Metodologia**

Numa primeira abordagem o estudo busca, nas variáveis regionalmente agregadas, estabelecer a veracidade acerca da existência de um processo de produção agrícola que responde satisfatoriamente aos parâmetros e necessidades de produção mas, por outro lado potencializa indicadores de crescente desigualdade regional e social.

As variáveis utilizadas foram aquelas constantes do Censo Agropecuário e Demográfico, que já estão consolidadas no sistema de

gerenciamento de base de dados SAMBA CABRAL, e que permitem, com razoável agilidade, o tratamento e análise de informações municipalizadas.

Nesse contexto, os dados de População Rural para as anos base 85 e 96 foram extraídos por interpolação dos Censos Demográficos de 80, 91 e 96.

A ocupação rural, a principal variável utilizada para observação dos impactos sociais do novo modelo agrícola, foi extraída diretamente dos censos agropecuários, utilizando-se de seu maior nível de agregação. Trata-se da ocupação rural expressa em todas as categorias sexo-etárias.

A partir dessas duas variáveis, construiu-se o indicador denominado “Índice de Ocupação Rural” ou “Taxa de Ocupação”, que expressa o número de pessoas que obtiveram alguma ocupação rural nos anos censitários, relativamente à população rural dos anos considerados. Por definição, esses valores aqui encontrados evoluem tanto em função do fluxo da população rural, quanto pela capacidade de geração de um maior ou menor número de ocupações. Assinala-se que o deslocamento negativo dos dois fatores, (população e ocupação) foram observados em quase todas as macrorregiões, exceção ao Norte do País, única região, onde se observou um crescimento da população rural. Assim sendo, as desigualdades eventualmente flagradas decorreram da magnitude com que os fenômenos estudados foram observados.

De outra forma, para aferição do grau de dinamismo das regiões, optou-se por considerar a variação do Valor Bruto da Produção Agropecuária, tomado pelo somatório da produção das lavouras e produção da pecuária. A variação entre os períodos censitários foi expressa pelo conceito de variação

relativa de cada região no valor bruto da produção brasileira. Com isto, objetivou-se reduzir problemas decorrentes da escolha de deflatores e definir uma metodologia suficiente à diferenciação dos graus de dinamismo de cada região e, para a abordagem microrregional, estabelecer critérios de agrupamentos das MRG's, também de acordo com seu dinamismo.

Nessa abordagem microrregional, optou-se por realizar, inicialmente, um expurgo das MRG's que, tanto em 1985, quanto em 1996, não apresentaram produção agropecuária significativa. Para tanto, adotou-se o critério de participação de cada MRG no Valor Bruto de Produção Brasileira, selecionando-se para cada microrregião aquelas que tiveram participação no VBP/BR superior às médias macroregionais (Ver Mapa 1).

Tal procedimento mostrou-se oportuno, tendo em vista o elevado número de MRG's que, não obstante regionalmente inexpressivas, em termos de VBP e População Rural, produziam grandes distorções quanto à variação de seus Valores de Produção.

Ficou definido, assim, uma amostra de 234 MRG's, das 558 existentes, após o que se realizou o agrupamento regional de acordo com seu dinamismo, expresso pela variação da participação do VBP, conforme antes mencionado (Ver Anexo 1).

Estes agrupamentos compreendem as MRG's mais dinâmicas e as menos dinâmicas, de acordo com o corte realizado em torno da linha mediana estabelecida nos Valores de Produção Macrorregional (Ver Mapa 2).

Assumiuiu-se que os grupamentos acima da linha eram representativos do novo modelo de produção agrícola e aqueles abaixo eram representativos do modelo marginal ou marginalizado do crescimento do produto.

Para ambos os grupamentos regionais buscou-se realizar referências cruzadas com as variáveis expressas pela população rural, ocupação rural, índice de ocupação rural, “produtividade da mão-de-obra e da terra”.

### **3. Discussão dos Resultados**

#### **3.1. Composição do Valor Bruto da Produção**

Durante o período de 1985 a 1995, a variação relativa do valor bruto da produção entre as macrorregiões indica ampla dispersão, variando de -13% no Nordeste até 53% na região Centro-Oeste. (Ver Tabela 1).

Observa-se que ganharam posição relativa apenas as regiões Sul e Centro Oeste, não obstante, em termos absolutos, todas as regiões terem experimentado expansão nos seus valores de produção, e não terem ocorrido alterações importantes, em termos de participação regional, na composição do valor de produção agropecuária brasileira. A única inversão registrada foi a assunção da região Centro-Oeste para a terceira região em importância relativa, deslocando a região Nordeste para a quarta posição.

Tabela 1 – Composição do Valor Bruto da Produção, 1985/95(1)

	1985	%	1995	%	Var 95/85
<b>Norte</b>	<b>9.265.351.568</b>	<b>4,7%</b>	<b>1.988.149</b>	<b>4,4%</b>	<b>-6%</b>
Amostra	6.929.528.915	3,5%	1.351.946	3,0%	-15%
+ Dinâmicas	2.750.948.846	1,4%	790.744	1,8%	26%
- Dinâmicas	4.178.580.069	2,1%	561.202	1,2%	-41%
<b>Nordeste(*)</b>	<b>33.509.869.935</b>	<b>17,0%</b>	<b>6.649.097</b>	<b>14,8%</b>	<b>-13%</b>
Amostra	22.608.169.727	11,5%	4.246.835	9,4%	-18%
+ Dinâmicas	6.472.800.377	3,3%	2.111.311	4,7%	43%
- Dinâmicas	16.135.369.350	8,2%	2.135.524	4,7%	-42%
<b>Sudeste</b>	<b>75.675.610.557</b>	<b>38,5%</b>	<b>15.392.539</b>	<b>34,2%</b>	<b>-11%</b>
Amostra	57.845.049.348	29,4%	12.144.220	27,0%	-8%
+ Dinâmicas	18.775.453.138	9,5%	5.557.260	12,4%	29%
- Dinâmicas	39.069.596.210	19,9%	6.586.960	14,6%	-26%
<b>Sul</b>	<b>59.075.718.285</b>	<b>30,0%</b>	<b>14.226.668</b>	<b>31,6%</b>	<b>5%</b>
Amostra	42.138.808.855	21,4%	10.362.018	23,0%	8%
+ Dinâmicas	20.449.124.258	10,4%	6.336.171	14,1%	36%
- Dinâmicas	21.689.684.597	11,0%	4.025.847	9,0%	-19%
<b>C.Oeste</b>	<b>19.222.715.132</b>	<b>9,8%</b>	<b>6.720.912</b>	<b>14,9%</b>	<b>53%</b>
Amostra	13.991.600.288	7,1%	4.882.131	10,9%	53%
+ Dinâmicas	5.812.892.920	3,0%	2.753.393	6,1%	107%
- Dinâmicas	8.178.707.368	4,2%	2.128.738	4,7%	14%
<b>Brasil</b>	<b>196.749.265.477</b>	<b>100,0%</b>	<b>44.977.365</b>	<b>100,0%</b>	<b>0%</b>
Amostra	143.513.157.133	72,9%	32.987.150	73,3%	1%
+ Dinâmicas	54.261.219.539	27,6%	17.548.879	39,0%	41%
- Dinâmicas	89.251.937.594	45,4%	15.438.271	34,3%	-24%

Fonte: Censo Agropecuário 1985 e 1995

(1) Valores correntes

(\*) Exceto Fernando de Noronha

Para as microrregiões selecionadas (Ver Mapa 3), que representam em torno de 73% dos valores de produção nos anos 1995 e 1985, as variações relativas do VBP assumem discrepâncias ainda mais acentuadas. O somatório de todas as microrregiões – e de seus grupamentos - indica uma dispersão de 65% nas variações relativas. Enquanto as MRG's dinâmicas cresceram em



participação na ordem de 41%, as MRG's marginalizadas apresentaram crescimento negativo de 24%. Esse fenômeno reproduz-se em todas as macrorregiões, sendo de se destacar a região Centro-Oeste e a região Nordeste, com valores de dispersão bastante expressivos.

No Centro-Oeste tanto as MRG's dinâmicas quanto as marginalizadas apresentaram valores positivos de crescimento relativo mas, com grande diferença entre seus valores. Já na região Nordeste, além da forte dispersão, observam-se sentidos de crescimento opostos entre os dois grupamentos, revelando, possivelmente, a forte influência do contraste entre atividades agropecuárias tradicionais e decadentes (cacau no sul da Bahia) ao lado de atividades mais integradas ao mercado (soja e milho em Barreiras, sul do Maranhão e áreas irrigadas com fruticultura).

A perda de importância relativa das MRG's marginalizadas pode ser também expressa pela evolução de sua participação na composição do VBP que, em 1985, era de 45,4%, passando, em 1995, para 34,3%. Por outro lado, as regiões integradas ao novo modelo passaram, no mesmo período, de 27,6% para 39%. Deve-se observar que a participação das MRG's selecionadas praticamente ficou estabilizada em 73% nos anos estudados e que a mencionada inversão ocorreu dentro do universo considerado por este estudo. Por fim, este diferencial poderia ser ainda mais amplo, não fosse o comportamento mais discreto das regiões Sul e Sudeste, fato que pode ser explicado pela existência de uma agricultura mais consolidada e menos dispare em termos de padrão tecnológico.

### **3.2. Dinâmica da População Rural**

Durante o período analisado, pelo menos de 3,2 milhões de pessoas deixaram sua habitação rural no Brasil, resultando em uma redução da

população rural da ordem de 8%. Em outros termos, mais de 320 mil habitantes rurais procuraram, a cada ano, uma habitação urbana. Esse fenômeno é regionalmente diferenciado (Ver Tabela 2), apresentando desde um crescimento populacional de cerca de 18%, na região Norte, até uma relativa estabilidade no Nordeste, cuja população rural decresceu 7%. Nas demais regiões, o decréscimo observado variou entre 14 e 17%.

Tabela 2 – Dinâmica e Distribuição Espacial da População Rural, 1985/95

	1985	%	1995	%	Var 95/85
<b>Norte</b>	<b>3.608.743</b>	<b>10%</b>	<b>4.269.260</b>	<b>12%</b>	<b>18%</b>
Amostra	2.092.777	6%	2.237.839	6%	7%
+ Dinâmicas	901.959	2%	1.038.036	3%	15%
- Dinâmicas	1.190.818	3%	1.199.803	3%	1%
<b>Nordeste(*)</b>	<b>17.129.245</b>	<b>45%</b>	<b>15.853.872</b>	<b>46%</b>	<b>-7%</b>
Amostra	9.012.670	24%	8.521.132	25%	-5%
+ Dinâmicas	3.286.077	9%	3.139.790	9%	-4%
- Dinâmicas	5.726.593	15%	5.381.342	16%	-6%
<b>Sudeste</b>	<b>8.409.685</b>	<b>22%</b>	<b>7.252.323</b>	<b>21%</b>	<b>-14%</b>
Amostra	3.875.798	10%	3.269.774	9%	-16%
+ Dinâmicas	1.489.178	4%	1.244.964	4%	-16%
- Dinâmicas	2.386.620	6%	2.024.810	6%	-15%
<b>Sul</b>	<b>6.579.633</b>	<b>17%</b>	<b>5.434.673</b>	<b>16%</b>	<b>-17%</b>
Amostra	4.099.122	11%	3.284.859	10%	-20%
+ Dinâmicas	2.402.198	6%	2.077.957	6%	-13%
- Dinâmicas	1.696.923	5%	1.206.902	4%	-29%
<b>C.Oeste</b>	<b>1.933.832</b>	<b>5%</b>	<b>1.665.067</b>	<b>5%</b>	<b>-14%</b>
Amostra	1.129.357	3%	956.716	3%	-15%
+ Dinâmicas	383.150	1%	320.347	1%	-16%
- Dinâmicas	746.207	2%	636.369	2%	-15%
<b>Brasil</b>	<b>37.661.138</b>	<b>100%</b>	<b>34.475.195</b>	<b>100%</b>	<b>-8%</b>
Amostra	20.209.724	54%	18.270.320	53%	-10%
+ Dinâmicas	8.462.562	22%	7.821.095	23%	-8%
- Dinâmicas	11.747.162	31%	10.449.225	30%	-11%

Vale ressaltar que, detendo uma concentração da população rural altamente significativa (46%) (Ver Mapa 4), o comportamento sedentário da população rural Nordestina contribuiu para que não se consubstanciasse um êxodo ainda mais preocupante. No mesmo sentido, contribuiu o surpreendente

crescimento da população na região Norte que, segundo dados censitários, incorporou ao meio rural cerca de 660 mil habitantes.

Dentro do universo das MRG's selecionadas, foram abrangidas 53% da população rural brasileira, das quais 23% em MRG's de maior dinamismo e os restantes 30% em MRG's estagnadas. É importante lembrar que a mesma amostra abrangeu quase 73% do Valor Bruto da Produção agropecuária, confirmando a suspeita de que o processo expansionista da agricultura ocorre em áreas menos densamente povoadas e que as MRG's de pouco significado (fora da amostra) em termos de VBP, abrigam considerável contingente da população rural brasileira, (47%) majoritariamente vinculada a atividades agrícolas de subsistência.

Em termos evolutivos, pode-se concluir que as MRG's dinâmicas tiveram melhor capacidade de retenção da população que as MRG's excluídas (perderam 8% da população contra 11%, respectivamente), embora ambas tenham sofrido considerável redução da população rural. Esse diferencial encontra explicação principalmente no comportamento da região Norte e Sul. Na primeira localiza-se um crescimento populacional de 15% nas MRG's dinâmicas contra apenas 1% nas MRG's estagnadas. Na Região Sul observa-se forte tendência migratória nas regiões estagnadas, possivelmente um reflexo do MERCOSUL e da inexistência de programas efetivos visando a reconversão no setor agropecuário. Por outro lado, nesta região encontramos um maior contingente populacional nas MRG's mais dinâmicas, o que pode estar expressando um reagrupamento populacional em torno de espaços territoriais tornados eficientes em produção em período anterior ao analisado pelo estudo.

Na região Nordeste ambos os grupamentos de MRG's apresentaram decréscimos de população, embora inferiores à média macrorregional e ligeiramente diferenciados em favor das MRG's mais dinâmicas, as quais retiveram mais população no campo.

Para as regiões Sudeste e Centro-Oeste, observou-se uma quase indiferença no decréscimo populacional, quando se comparam os diferentes grupamentos. Para estas regiões constata-se, também, que a redução populacional foi maior no universo amostral que na macrorregião, como um todo. Nesses casos, formula-se como hipótese explicativa a proximidade de suas zonas de produção aos médios e grandes centros urbanos industriais, exercendo atuação e estímulo ao fluxo migratório indiscriminado. No caso do Centro-Oeste, onde a urbanização não é tão intensa, esta atuação é exercida pelos próprio processo de agroindustrialização e de apoio à produção em pequenas e médias comunidades urbanas, fenômeno inerente à rápida expansão da produção agrícola.

### **3.3. Capacidade de Geração de Ocupação Rural**

Sob o aspecto estritamente quantitativo e em termos de participação relativa, as ocupações rurais distribuem-se regionalmente em proporção similar à população rural. Como se verificará adiante, a grande diferença ocorre em seus aspectos qualitativos.

De uma maneira geral, todas as macrorregiões apresentaram um decréscimo de ocupação da mão-de-obra rural variável entre -18% (Centro-Oeste) a -25% (Sudeste), que resultou em uma redução de 23% do total de ocupações no território brasileiro, durante o período 1985/95 (Ver Tabela 3).

Tabela 3 – Distribuição Espacial da População Ocupada Rural, 1985/95

	1985	%	1995	%	Var 95/85
<b>Norte</b>	<b>2.478.018</b>	<b>11%</b>	<b>1.877.797</b>	<b>10%</b>	<b>-24%</b>
Amostra	1.644.503	7%	1.202.378	7%	-27%
+ Dinâmicas	735.431	3%	598.847	3%	-19%
- Dinâmicas	909.072	4%	603.531	3%	-34%
<b>Nordeste(*)</b>	<b>10.441.660</b>	<b>45%</b>	<b>8.210.792</b>	<b>46%</b>	<b>-21%</b>
Amostra	5.597.989	24%	4.372.856	24%	-22%
+ Dinâmicas	2.040.764	9%	1.650.953	9%	-19%
- Dinâmicas	3.557.225	15%	2.721.903	15%	-23%
<b>Sudeste</b>	<b>4.738.153</b>	<b>20%</b>	<b>3.440.735</b>	<b>19%</b>	<b>-27%</b>
Amostra	2.447.973	10%	1.867.706	10%	-24%
+ Dinâmicas	1.011.033	4%	782.068	4%	-23%
- Dinâmicas	1.436.940	6%	1.085.638	6%	-24%
<b>Sul</b>	<b>4.490.282</b>	<b>19%</b>	<b>3.383.348</b>	<b>19%</b>	<b>-25%</b>
Amostra	2.975.018	13%	2.241.241	12%	-25%
+ Dinâmicas	1.687.204	7%	1.349.167	8%	-20%
- Dinâmicas	1.287.814	6%	892.074	5%	-31%
<b>C.Oeste</b>	<b>1.246.728</b>	<b>5%</b>	<b>1.018.201</b>	<b>6%</b>	<b>-18%</b>
Amostra	731.823	3%	592.102	3%	-19%
+ Dinâmicas	278.956	1%	256.810	1%	-8%
- Dinâmicas	452.867	2%	335.292	2%	-26%
<b>Brasil</b>	<b>23.394.841</b>	<b>100%</b>	<b>17.930.873</b>	<b>100%</b>	<b>-23%</b>
Amostra	13.397.306	57%	10.276.283	57%	-23%
+ Dinâmicas	5.753.388	25%	4.637.845	26%	-19%
- Dinâmicas	7.643.918	33%	5.638.438	31%	-26%

Fonte: Censo Agropecuário 1985 e 1995

(\*) Exceto Fernando de Noronha

Em termos absolutos, os números são impressionantes, particularmente quando se constata, no período intercensitário, uma liberação líquida de 5,4 milhões de ocupações, equivalendo a uma perda anual de cerca de 540 mil (Ver Mapa 5). No mesmo período, a região Norte perdeu 600 mil ocupações, contra 2,2 milhões no Nordeste, 1,3 milhões no Sudeste, 1,1 milhão no Sul e apenas 220 mil no Centro Oeste. A magnitude destes números pode ser melhor percebida quando comparada às realizações do Programa de Agricultura Familiar e de Assentamentos, este último tendo assentado 80 mil famílias por ano, no período pós real.

A Tabela 3b melhor explicita a defasagem com que referidos programas atuam e, de forma incompreensível, acusam o deslocamento da distribuição espacial de suas metas às realidades regionais.

**Tabela 3b**  
**Distribuição Regional da Desocupação Rural, Investimentos no PRONAF e Assentamentos, 1999**

(Valores expressos em percentagem)

Regiões	Desocupação Rural(1)	Crédito Rural PRONAF(2)	Assentamento
Norte	11	3	33
Nordeste	41	23	37
Sudeste	24	16	10
Sul	20	52	4
Centro Oeste	04	06	16

(1) Os dados de Desocupação referem-se a média do período 1995/85

(2) Realizados no exercício de 1999, dados parciais: incluem apenas dados do RECOR-BACEN.

Dentro das MRG's selecionadas estão abrangidas 57% das ocupações rurais que, no período, apresentaram comportamento decrescente, tanto nas macrorregiões brasileiras quanto na amostra realizada. No entanto, nas MRG's de maior dinamismo, os níveis de ocupação caíram menos que nas MRG's periféricas ao desenvolvimento (-19% contra -26%). Em seu conjunto, o primeiro grupamento liberou 1,1 milhões de ocupações contra 2,0 milhões do segundo, totalizando 3,1 milhões de ocupações perdidos dentro dos dois grupamentos. Essa tendência se repete em todas as macrorregiões, inclusive no Sudeste que mostrou quase uma certa indiferença de queda do níveis de ocupação, quando comparados os dois grupamentos. Nessa região, conforme antes assinalado, acredita-se que a maior proximidade dos médios e grandes aglomerados urbanos e a possibilidade de ocupações não agrícolas podem ter exercido algum nível de competição com as ocupações agrícolas,

inclusive nas MRG's de maior dinamismo. Segundo Kageyama "O fenômeno da redução do peso das atividades agrícolas no emprego e na renda das pessoas, famílias e regiões rurais, dando lugar aos "empregos múltiplos" e fontes de renda diversificadas, tem sido referido na literatura como pluriatividade e há um consenso de que, na maioria dos países desenvolvidos, e em alguns estados do Brasil (São Paulo, Paraná, Santa Catarina), há uma tendência de crescimento da importância da pluriatividade para as famílias e regiões antes centradas na agricultura...".

Por sua vez, ao grupo das MRG's excluídas do crescimento estão associados os maiores contingentes de ocupação rural. Essa situação se inverte apenas na região Sul, onde o maior número de ocupações está relacionado às MRG's de maior dinamismo, tendência observada desde o ano de 1985 e que se amplia em 1995.

#### **3.4. Índice de Ocupação Rural**

Por definição, os valores negativos da variação deste índice estão expressando, em quase todo o território brasileiro, uma maior velocidade no ritmo de desocupação rural em relação à redução da população correspondente (Ver Tabela 5 e Mapa 6). A evolução desse indicador reflete também crescente nível de pressão para o agudizamento da migração rural-urbana, embora não determine, necessariamente e dentro do mesmo horizonte temporal, os números projetáveis para mencionado êxodo. Certamente, para este fenômeno existem outras variáveis a considerar que, embora importantes, não constituem foco deste estudo. Aqui, cabe avaliar o impacto diferenciado dos níveis de ocupação, quando comparados à escala macrorregional dentro dos grupamentos de MRG's, com diferentes graus de crescimento agrícola.

Tabela 4 – Distribuição Regional do Índice de Ocupação Rural, 1985/95

	1985	%	1995	%	Var 95/85
<b>Norte</b>	69%	111%	44%	85%	-36%
Amostra	79%	127%	54%	103%	-32%
+ Dinâmicas	82%	131%	58%	111%	-29%
- Dinâmicas	76%	123%	50%	97%	-34%
<b>Nordeste(*)</b>	61%	98%	52%	100%	-15%
Amostra	62%	100%	51%	99%	-17%
+ Dinâmicas	62%	100%	53%	101%	-15%
- Dinâmicas	62%	100%	51%	97%	-19%
<b>Sudeste</b>	56%	91%	47%	91%	-16%
Amostra	63%	102%	57%	110%	-10%
+ Dinâmicas	68%	109%	63%	121%	-7%
- Dinâmicas	60%	97%	54%	103%	-11%
<b>Sul</b>	68%	110%	62%	120%	-9%
Amostra	73%	117%	68%	131%	-6%
+ Dinâmicas	70%	113%	65%	125%	-8%
- Dinâmicas	76%	122%	74%	142%	-3%
<b>C.Oeste</b>	65%	104%	61%	118%	-5%
Amostra	65%	104%	62%	119%	-4%
+ Dinâmicas	73%	117%	80%	154%	10%
- Dinâmicas	61%	98%	53%	101%	-13%
<b>Brasil</b>	62%	100%	52%	100%	-16%
Amostra	65%	104%	57%	109%	-13%
+ Dinâmicas	66%	107%	60%	115%	-10%
- Dinâmicas	64%	103%	54%	105%	-15%

Fonte: Censo Demográfico 1980 e 1996/Censo Demográfico 1985 e 1995

(\*) Exceto Fernando de Noronha

Nesse contexto, observa-se, entre as macrorregiões, uma grande dispersão tanto em termos de variação relativa quanto no seu valor absoluto. Em 1985 este índice variava entre 56% na região sudeste até 69% no Norte. Já em 1995, o indicador, na região Norte, caiu, para 44% em contraposição aos 62% da região Sul. No território brasileiro o índice de ocupação da mão-de-obra rural caiu de 62%, em 1985, para 52% em 1995. Este número é reflexo de uma redução de 36% na região Norte, 15% no Nordeste, 16% no Sudeste, 9% no Sul e 5% no Centro-Oeste.

Nas MRG's selecionadas pelo estudo, ou seja, nas MRG's de maior significado em termos de Valores Brutos de Produção, a desocupação rural



expressa pelo índice, foi inferior à média brasileira (-13% contra 16%); assim, nas regiões mais dinâmicas, os níveis de ocupação sofreram menor redução (-10).

Na região Norte, a de maior redução na ocupação rural, o índice está fortemente vinculado ao crescimento extraordinário da população rural, conforme mencionado anteriormente. Tal comportamento se explica principalmente pelo agrupamento de MRG's mais dinâmicas, que tiveram aumento de 15% na população rural. No agrupamento marginal, a população rural cresceu apenas 1% e, ainda assim, apresentou índice de ocupação e variação inferiores às MRG's dinâmicas.

No Nordeste, onde se evidencia a maior estabilidade da população rural, o índice de ocupação que, em 1985, era igual para os dois grupos de MRG's, apresenta, em 1995, uma sensível diferenciação em favor de um melhor índice nas MRG's dinâmicas. Semelhante evolução tem a região Sudeste, ressaltando o fato de que, nesta região, existe expressivo contingente populacional residente no meio rural, mas com ocupação não agrícola (indústria e serviços), conforme mostram os estudos de Graziano, J. sobre o novo rural.

No Sul, única região onde a população rural é maior no grupo de MRG's mais dinâmicas, ocorre inverso comportamento do índice em relação às demais macrorregiões, resultando em um maior nível de ocupação nas MRG's marginais que nas dinâmicas. Entretanto, alguns fatores, podem estar explicando esse comportamento diferenciado. Entre eles, arrolam-se o processo de erradicação de cafezais em extensas áreas, em razão das geadas de 1984/85, a subsequente substituição desta lavoura pela cultura mecanizada de soja e milho e, no Rio Grande do Sul, o desenvolvimento de herbicida

capaz de controlar a incidência do arroz vermelho em grandes plantações gaúchas, que controlavam esta prática manualmente, podem ser os fatores explicativos. Além desses fatores agronômicos, acresce ainda, em favor de um pior índice de ocupação nas MRG's mais dinâmicas, fenômenos de natureza sócio-econômica, como a abertura do mercado, particularmente o Mercosul, a expressiva migração de colonos para abertura dos cerrados e, ainda, o fato de estar implantada nesta região, antes mesmo de 1985, uma agricultura pioneira em termos de padrão tecnológico e índice de mecanização. Em outros termos, a região Sul é menos sensível à deterioração deste indicador dentro do período avaliado, visto que, com grande probabilidade, este processo já teria ocorrido em período anterior.

A região Centro-Oeste ostenta uma dos maiores índices de ocupação, mas também um importante diferencial de seus valores, quando se comparam os grupos de MRG's . Especialmente nas MRG's mais dinâmicas, o crescimento deu-se, preponderantemente, em áreas de baixa densidade populacional e elevado padrão tecnológico. Neste mesmo grupo observa-se o único valor positivo, e fortemente positivo, do índice de ocupação da mão-de-obra, como também a maior variação relativa no Valor Bruto de Produção. Tal fato, longe de anular a tese da exclusão que o novo modelo de desenvolvimento agrícola exerce, confere à mesma um exemplo claro da natureza espacial desta exclusão. Observa-se, pois, nesta região, a maior taxa de redução dos níveis de ocupação dentre as MRG's marginalizados do crescimento.

### **3.5. Produtividade da Mão-de-Obra**

Esta relação apenas se aproxima do conceito de produtividade da mão-de-obra rural embora, para fins dos objetivos propostos pelo estudo, cumpra a

finalidade de demonstrar disparidades interregionais, microrregionais e intrasetoriais, em grande medida geradas dentro do processo de crescimento recente da agricultura brasileira.

É nesta seção que melhor se evidenciam as tendências de ampliação do hiato social nos espaços considerados, uma vez que oferece, dentro da lógica de mercado vigente e de parâmetros de eficiência produtiva da mão-de-obra, os valores monetários gerados por cada ocupação rural realizada.

Ao nível macrorregional, o valor monetário gerado por uma ocupação rural encontra na região nordeste sua mais sofrível relação e, de forma agravante, a mais forte tendência de deterioração no período considerado (Ver Tabela 5). Esta relação que, em 1985, era 5 vezes inferior à da região de melhor desempenho, amplia esta diferença, em 1995, para mais de 8 vezes. De fato, foi a região Nordeste que mais perdeu posição relativa em relação ao indicador avaliado (-15%), seguida, pela ordem, pelas regiões Sudeste (-6%) e Norte (-5%). As regiões Sul e Centro-Oeste ganharam posição relativa, sendo de destacar o crescimento de 44% nesta última região.

Quando se comparam os dois grupamentos de MRG's, encontra-se, para o território brasileiro, uma inversão na escala de valores do indicador dentro do período. O conjunto das regiões integradas ao crescimento parte de valores inferiores, em 1985, para uma expressiva superioridade em 1995. Tal desempenho significou uma expansão relativa de 35% para as MRG's dinâmicas e uma redução em 21% para as MRG's periféricas.

Tabela 5 –Regionalização da Produtividade da Mão-de-Obra, 1985/95

	1985	%	1995	%	Var%
<b>Norte</b>	<b>3.739</b>	<b>44%</b>	<b>1,06</b>	<b>42%</b>	<b>-5%</b>
Amostra	4.214	50%	1,12	45%	-11%
+ Dinâmicas	3.741	44%	1,32	53%	18%
- Dinâmicas	4.597	55%	0,93	37%	-32%
<b>Nordeste(*)</b>	<b>3.209</b>	<b>38%</b>	<b>0,81</b>	<b>32%</b>	<b>-15%</b>
Amostra	4.039	48%	0,97	39%	-19%
+ Dinâmicas	3.172	38%	1,28	51%	35%
- Dinâmicas	4.536	54%	0,78	31%	-42%
<b>Sudeste</b>	<b>15.972</b>	<b>190%</b>	<b>4,47</b>	<b>178%</b>	<b>-6%</b>
Amostra	23.630	281%	6,50	259%	-8%
+ Dinâmicas	18.571	221%	7,11	283%	28%
- Dinâmicas	27.189	323%	6,07	242%	-25%
<b>Sul</b>	<b>13.156</b>	<b>156%</b>	<b>4,20</b>	<b>168%</b>	<b>7%</b>
Amostra	14.164	168%	4,62	184%	9%
+ Dinâmicas	12.120	144%	4,70	187%	30%
- Dinâmicas	16.842	200%	4,51	180%	-10%
<b>C.Oeste</b>	<b>15.419</b>	<b>183%</b>	<b>6,60</b>	<b>263%</b>	<b>44%</b>
Amostra	19.119	227%	8,25	329%	45%
+ Dinâmicas	20.838	248%	10,72	427%	73%
- Dinâmicas	18.060	215%	6,35	253%	18%
<b>Brasil</b>	<b>8.410</b>	<b>100%</b>	<b>2,51</b>	<b>100%</b>	<b>0%</b>
Amostra	10.712	127%	3,21	128%	0%
+ Dinâmicas	9.431	112%	3,78	151%	35%
- Dinâmicas	11.676	139%	2,74	109%	-21%

Fonte: Censo Agropecuário 1985 e 1995/Censo Demográfico 1980 e 1996.

(\*) Exceto Fernando de Noronha

Essa maior eficiência na alocação da mão-de-obra encontra na região Centro-Oeste, notadamente em suas MRG's dinâmicas, sua maior expressão absoluta e variação relativa. Nas demais regiões, o resultado se repete, reproduzindo variações fortemente positivas do indicador nas MRG's dinâmicas e fortemente negativas nas MRG's periféricas.

Tal compartimento constitui evidência de que, nas áreas onde a atividade agropecuária vem crescendo, é adotado um padrão tecnológico que permite uma melhor remuneração da mão-de-obra mais qualificada. Por outro lado, nas regiões marginais ao crescimento do produto agropecuário, é crescente o estreitamento da capacidade de melhor remuneração da mão-de-

obra e de outros custos de ineficiência, o que remete a atividade agropecuária, nestas áreas, a uma condição de subsistência e a uma relação de trabalho característica da sub-ocupação.

### 3.6. Produtividade da Terra

Podendo ser também considerada como uma aproximação da produtividade da terra, este indicador expressa o valor monetário gerado por uma unidade de medida da área. Menos importante que os valores absolutos, a variação relativa do indicador é definitiva ao acusar que, praticamente a única macrorregião com significativo aumento de produtividade é a região Centro-Oeste (Ver Tabela 6). As demais, ou estão estabilizadas (região Sul), ou experimentaram decréscimos relativos de produtividade.

**Tabela 6 – Distribuição Regional da Produtividade da Terra, 1985/95**

	1985	%	1995	%	Var 95/85
<b>Norte</b>	<b>2.380</b>	<b>93%</b>	<b>0,50</b>	<b>79%</b>	<b>-14%</b>
Amostra	2.429	94%	0,51	82%	-13%
+ Dinâmicas	1.795	70%	0,52	83%	19%
- Dinâmicas	3.088	120%	0,51	81%	-32%
<b>Nordeste(*)</b>	<b>1.666</b>	<b>65%</b>	<b>0,38</b>	<b>61%</b>	<b>-6%</b>
Amostra	2.151	84%	0,43	68%	-19%
+ Dinâmicas	1.440	56%	0,54	86%	53%
- Dinâmicas	2.554	99%	0,36	57%	-43%
<b>Sudeste</b>	<b>3.989</b>	<b>155%</b>	<b>0,91</b>	<b>146%</b>	<b>-6%</b>
Amostra	4.501	175%	0,99	158%	-10%
+ Dinâmicas	3.146	122%	0,99	158%	29%
- Dinâmicas	5.370	209%	0,99	158%	-24%
<b>Sul</b>	<b>2.793</b>	<b>109%</b>	<b>0,68</b>	<b>109%</b>	<b>1%</b>
Amostra	2.782	108%	0,67	107%	-1%
+ Dinâmicas	2.383	93%	0,71	114%	23%
- Dinâmicas	3.194	124%	0,63	100%	-19%
<b>C.Oeste</b>	<b>1.308</b>	<b>51%</b>	<b>0,48</b>	<b>77%</b>	<b>51%</b>
Amostra	1.372	53%	0,52	83%	55%
+ Dinâmicas	1.254	49%	0,52	83%	71%
- Dinâmicas	1.496	58%	0,51	81%	40%
<b>Brasil</b>	<b>2.572</b>	<b>100%</b>	<b>0,63</b>	<b>100%</b>	<b>0%</b>
Amostra	2.899	113%	0,68	108%	-4%
+ Dinâmicas	2.172	84%	0,70	111%	32%
- Dinâmicas	3.477	135%	0,66	105%	-22%

Fonte: Censo Agropecuário 1985 e 1995

(\*) Exceto Fernando de Noronha

No entanto, esta regra não se aplica dentro aos grupamentos de MRG's. Ao contrário, mesmo nas macrorregiões que apresentaram rendimentos relativos negativos, o diferencial entre as MRG's mais e menos dinâmicas é extremamente elevado. No território brasileiro, as MRG's integradas ao crescimento elevaram em 32% sua produtividade, enquanto o grupo marginal decrescia 22%. Mais uma vez, a região Nordeste apresentou a maior dispersão quando comparados os dois grupos de MRG's, permitindo inferir a existência de atividades agropecuárias bastante diferenciadas no seu padrão tecnológico. De fato, microrregiões como o oeste baiano, Sul do Maranhão e outros assemelhados foram de recente incorporação ao processo produtivo e constituem-se em áreas onde melhor se aplica o novo padrão tecnológico de produção. Assim é, pois, o contraste destas MRG's com áreas tradicionais decadentes como o Sul da Bahia e outras de pecuária extensiva que, embora exercendo peso significativo na composição do produto regional, ficaram à margem do crescimento no período 1985/95.

Outra consideração importante que se faz é que, no ano de 1985, todas as MRG's consideradas marginais detinham níveis de produtividade da terra superiores às MRG's dinâmicas. Tal fato expressava, à época, um parâmetro de localização do modelo produtivo mais eficiente. A inversão deste parâmetro, até mesmo em termos absolutos, torna inequívoca não apenas a mudança do padrão produtivo, mas, principalmente, o processo de marginalização de um conjunto bastante amplo do espaço produtivo tradicional.

#### 4. Conclusão

O estudo procurou estabelecer uma conexão entre o processo de crescimento recente do produto agropecuário com a crescente deterioração de alguns indicadores sociais no espaço rural brasileiro.

A hipótese de trabalho assumida é a da consolidação de um novo modelo de produção agrícola, como resposta adequada e irreversível aos desafios proporcionados pela retirada do Estado do epicentro dos mecanismos de financiamento da agricultura e pelo processo acelerado de abertura comercial, a partir do início da década. A mudança na base técnica e a verticalização das relações produtivas são características deste novo modelo, que proporciona de um lado o aumento da competitividade dos produtos agrícolas, reduzindo seus custos e conseqüentemente os seus preços finais ao consumidor interno e externo; enquanto, de outro, e pelas mesmas razões, limita o acesso ou alija do mercado segmentos e espaços rurais que, no passado, detinham condição hegemônica no processo de produção agrícola.

Por intermédio do procedimento metodológico explicado na Seção 2, verificou-se a existência de duas realidades agrícolas dentro do espaço territorial brasileiro. A primeira é representada pelo que denominamos grupo de microrregiões integradas ao crescimento (MRG's integradas), que, mesmo detendo modesta participação na composição do produto agrícola em 1985, passa a se constituir no "carro chefe" do crescimento (41% do crescimento relativo) e se torna, em 1995, a área de maior participação relativa na composição do produto. A segunda, aqui denominada grupo marginal – MRG's marginais –, é representada pelas áreas de cultivo tradicional que, em 1985, eram responsáveis por quase a metade do produto agrícola e,

experimentando um decréscimo relativo de 24% de seu produto, passam a deter apenas 1/3 do mesmo.

Considerando que o período de 10 anos é por demais insuficiente para aferição de mudanças estruturais tão profundas dentro da atividade agropecuária, impressiona não apenas o fato mas, sobretudo, a velocidade com que essas duas realidades se inverteram no espaço territorial e se tornaram tão nítidos em relação ao parâmetro de composição do produto agropecuário.

A reprodução deste mesmo fenômeno ao nível regional e intrarregional não apenas consagra a tese do crescimento sem equidade, como também remete a questão à orbita da política regional onde, em última análise, se localiza o ambiente sobre o qual a ação pública se volta ao desenvolvimento de programas sociais compensatórios, de alcance limitado e quase sempre desfocados da realidade diferenciada.

Ao longo do estudo, ficou evidenciado, também, que por características próprias, que grupo integrado ao crescimento se localiza em espaços geográficos de menores adensamento populacional, e por isto, mesmo detendo melhores níveis de retenção da população rural e maior capacidade de gerar ocupações no meio rural não compensa, em termos absolutos, a inibição destes indicadores nas MRG's marginais.

De forma agravante, as tendências observadas, no período analisado, quanto aos parâmetros de produtividade da mão-de-obra e produtividade da terra, projetam, para o futuro, um cenário ainda mais marcado pelo crescimento desigual da atividade agropecuária, apontando a existência de custos sociais crescentes e ainda não devidamente quantificados.



**ANEXOS**

## ANEXO 1

### REGIÃO NORTE

#### MRG's Marginalizadas

Nº	NOME	População Rural	
		1985	1995
11003	ARIQUEMES	40.405	59.371
12005	BRASILEIA	19.525	17.792
13003	ALTO SOLIMÕES	67.800	87.125
13006	COARI	43.087	45.745
13007	MANAUS	107.080	108.713
15002	SANTAREM	172.700	160.104
15003	ALMEIRIM	32.468	33.102
15011	CAMETA	165.992	167.838
15012	TOME-ACU	110.646	123.401
15013	GUAMA	225.039	210.880
15017	PARAGOMINAS	60.348	71.575
15020	MARABA	50.046	48.263
17002	ARAGUAINA	61.167	42.470
17005	GURUPI	34.514	23.422

#### MRG's Integradas

11004	JI-PARANA	103.937	120.385
11006	CACOAL	73.931	101.874
12004	RIO BRANCO	46.936	58.363
13009	ITACOATIARA	48.716	45.308
13010	PARINTINS	66.059	73.120
13013	MADEIRA	60.794	57.896
15008	CASTANHAL	51.269	49.568
15010	BRAGANTINA	144.244	138.657
15015	ALTAMIRA	66.292	153.124
15021	REDENCAO	0	56.746
15022	CONCEICAO DO ARAGUAIA	60.900	44.951
17001	BICO DO PAPAGAIO	75.787	66.239
17003	MIRACEMA DO TOCANTINS	64.023	43.413
17004	RIO FORMOSO	39.072	28.393

## REGIÃO NORDESTE

### MRG's Marginalizadas

Nº	NOME	População Rural	
		1985	1995
21004	LENCOIS MARANHENSES	83.244	86.942
21005	BAIXADA MARANHENSE	331.304	299.408
21010	MEDIO MEARIM	226.919	190.372
21011	ALTO MEARIM E GRAJAU	153.870	146.021
22015	ALTO MEDIO CANINDE	173.767	166.433
23001	LITORAL DE CAMOCIM E ACARAU	149.662	146.682
23021	SERTAO DE SENADOR POMPEU	147.420	119.771
23026	IGUATU	95.372	88.548
24017	MACAIBA	87.715	114.038
25021	SAPE	49.624	42.724
26001	ARARIPINA	157.637	144.521
26012	BREJO PERNAMBUCANO	123.292	95.876
26013	MATA SETENTRIONAL PERNAMBUCANA	176.136	146.642
26014	VITORIA DE SANTO ANTAO	72.729	60.954
26015	MATA MERIDIONAL PERNAMBUCANA	214.573	188.346
26017	RECIFE	133.799	102.761
26018	SUAPE	41.309	34.475
27011	MACEIO	73.849	99.862
29009	IRECE	180.150	172.709
29010	JACOBINA	180.725	185.491
29011	ITABERABA	135.499	110.263
29012	FEIRA DE SANTANA	328.550	323.638
29014	EUCLIDES DA CUNHA	196.250	202.863
29015	RIBEIRA DO POMBAL	183.558	174.882
29016	SERRINHA	241.703	234.714
29017	ALAGOINHAS	94.311	95.146
29023	SEABRA	146.530	159.886
29024	JEQUIE	221.061	219.768
29026	GUANAMBI	206.393	201.074
29028	VITORIA DA CONQUISTA	234.063	236.979
29029	ITAPETINGA	71.597	72.427
29030	VALENCA	125.246	138.466
29031	ILHEUS-ITABUNA	439.886	391.835
29032	PORTO SEGURO	248.851	186.825

**MRG's Integradas**

Nº	NOME	População Rural	
		1985	1995
21008	PINDARE	267.319	309.097
21009	IMPERATRIZ	174.645	187.894
21020	GERAIS DE BALSAS	41.019	39.830
22003	TERESINA	128.615	118.640
23002	IBIAPABA	142.662	136.002
23016	FORTALEZA	68.184	59.657
23018	SERTAO DE CRATEUS	140.226	118.819
23019	SERTAO DE QUIXERAMOBIM	142.071	118.828
23023	BAIXO JAGUARIBE	138.710	127.703
23032	CARIRI	112.375	105.340
24001	MOSSORO	32.183	35.005
24019	LITORAL SUL	46.541	43.809
25023	LITORAL SUL	29.500	30.179
26003	PAJEU	172.261	145.710
26005	PETROLINA	93.345	117.319
26007	VALE DO IPANEMA	111.539	97.371
26008	VALE DO IPOJUCA	234.989	208.336
26010	MEDIO CAPIBARIBE	144.692	129.153
26011	GARANHUNS	208.193	178.992
27012	SAO MIGUEL DOS CAMPOS	113.961	115.806
28001	SERGIPANA DO SERTAO DO SAO FRANCIS	71.707	64.384
28012	BOQUIM	68.732	73.455
29001	BARREIRAS	61.444	72.035
29003	SANTA MARIA DA VITORIA	112.952	107.572
29004	JUAZEIRO	169.429	157.161
29019	CATU	47.944	45.282
29020	SANTO ANTONIO DE JESUS	210.840	196.411

## REGIÃO SUDESTE

### MRG's Marginalizadas

Nº	NOME	População Rural	
		1985	1995
31022	UBERABA	25.585	17.405
31039	IPATINGA	51.711	51.348
31047	PASSOS	47.023	38.317
31048	SAO SEBASTIAO DO PARAISO	76.040	63.114
31049	ALFENAS	51.615	46.735
31050	VARGINHA	89.821	79.057
31051	POCOS DE CALDAS	74.381	65.814
31053	SANTA RITA DO SAPUCAI	45.964	42.481
31054	SAO LOURENCO	47.652	43.526
31063	MURIAE	93.717	83.471
32005	SAO MATEUS	45.640	40.129
32006	LINHARES	75.591	63.826
32007	AFONSO CLAUDIO	75.628	75.656
32008	SANTA TERESA	59.733	62.324
32012	CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM	89.089	82.166
33003	CAMPOS DOS GOYTACAZES	149.333	103.320
35001	JALES	45.039	30.936
35005	CATANDUVA	26.854	15.108
35012	FRANCA	26.365	22.105
35013	JABOTICABAL	44.272	33.715
35014	RIBEIRAO PRETO	44.781	28.947
35016	ANDRADINA	29.937	22.427
35017	ARACATUBA	22.463	15.552
35020	BAURU	51.080	34.643
35021	JAU	36.430	25.071
35024	ARARAQUARA	48.839	41.698
35026	RIO CLARO	16.285	14.113
35027	LIMEIRA	45.280	54.410
35028	PIRACICABA	38.222	35.784
35029	PIRACUNUNGA	20.020	15.975
35030	SAO JOAO DA BOA VISTA	90.759	73.593
35031	MOJI-MIRIM	38.797	32.684
35032	CAMPINAS	99.238	74.273
35033	AMPARO	40.240	41.132
35035	ADAMANTINA	54.348	28.365
35038	MARILIA	52.091	33.171
35039	ASSIS	40.384	29.681
35040	OURINHOS	58.619	41.050
35041	ITAPEVA	75.280	59.139
35045	PIEDADE	63.676	80.042
35046	SOROCABA	74.017	77.617
35048	BRAGANCA PAULISTA	57.078	51.547
35062	MOJI DAS CRUZES	47.703	53.344

**MRG's Integradas**

Nº	NOME	População Rural	
		1985	1995
31001	UNAI	66.532	48.776
31002	PARACATU	74.817	50.102
31017	ITUIUTABA	23.107	17.456
31018	UBERLANDIA	53.769	44.977
31019	PATROCINIO	43.391	41.443
31020	PATOS DE MINAS	58.954	44.437
31021	FRUTAL	51.634	39.214
31023	ARAXA	32.099	27.231
31024	TRES MARIAS	19.631	15.022
31026	BOM DESPACHO	25.818	17.953
31027	SETE LAGOAS	54.492	49.106
31029	PARA DE MINAS	16.717	16.422
31043	DIVINOPOLIS	43.049	40.511
31052	POUSO ALEGRE	77.419	78.229
31060	PONTE NOVA	96.996	75.812
31061	MANHUACU	115.558	102.928
32011	ALEGRE	73.962	71.130
35004	SAO JOSE DO RIO PRETO	76.281	65.771
35008	NOVO HORIZONTE	23.040	14.137
35009	BARRETOS	11.451	8.898
35010	SAO JOAQUIMDA BARRA	25.088	20.130
35011	ITUVERAVA	12.424	10.888
35015	BATATAIS	19.596	13.631
35018	BIRIGUI	36.733	24.295
35019	LINS	29.797	17.357
35022	AVARE	30.384	22.498
35023	BOTUCATU	22.031	18.869
35025	SAO CARLOS	23.693	22.011
35036	PRESIDENTE PRUDENTE	92.055	85.166
35037	TUPA	20.763	13.549
35042	ITAPETININGA	32.439	25.169
35051	GUARATINGUETA	28.457	22.591
35055	REGISTRO	77.000	79.253

## REGIÃO SUL

### MRG's Marginalizadas

Nº	NOME	População Rural	
		1985	1995
41001	PARANAVAI	86.387	53.473
41002	UMUARAMA	151.482	82.141
41003	CIANORTE	56.791	32.258
41004	GOIOERE	79.068	53.444
41005	CAMPO MOURAO	113.988	68.012
41006	ASTORGA	61.958	40.161
41007	PORECATU	32.296	20.078
41011	LONDRINA	54.480	39.118
41013	IVAIPORA	128.520	84.588
41015	CORNELIO PROCOPIO	67.872	47.243
41022	TOLEDO	161.687	114.362
42001	SAO MIGUEL D'OESTE	125.469	107.127
43002	TRES PASSOS	108.523	83.554
43003	FREDERICO WESTPHALEN	150.823	120.967
43007	SANTO ANGELO	92.313	71.116
43008	IJUI	61.521	54.813
43009	CARAZINHO	62.220	49.803
43029	CAMPANHA OCIDENTAL	61.119	52.471
43031	CAMPANHA MERIDIONAL	40.409	32.175

### MRG's Integradas

41021	PONTA GROSSA	50.889	50.004
41023	CASCADEL	131.798	93.155
41024	FOZ DO IGUAÇU	83.659	46.239
41026	FRANCISCO BELTRAO	153.913	110.420
41027	PATO BRANCO	77.640	59.641
41029	GUARAPUAVA	157.763	150.681
42002	CHAPECO	181.566	153.692
42003	XANXERE	70.348	62.361
42004	JOACABA	98.698	89.381
42005	CONCORDIA	80.298	67.689
42006	CANOINHAS	92.525	91.979
42011	RIO DO SUL	82.844	76.160
42018	TUBARAO	105.555	102.120
42020	ARARANGUA	63.406	61.415
43001	SANTA ROSA	85.675	67.454
43004	ERECHIM	103.516	87.319
43010	PASSO FUNDO	55.635	78.250
43011	CRUZ ALTA	44.173	40.981
43014	GUAPORE	62.667	55.918
43015	VACARIA	55.913	47.264
43016	CAXIAS DO SUL	102.198	113.422
43018	SANTA MARIA	68.043	57.230
43020	SANTA CRUZ DO SUL	133.738	126.577
43021	LAJEADO-ESTRELA	109.256	93.615
43033	PELOTAS	117.481	94.989

## REGIÃO CENTRO-OESTE

### MRG's Marginalizadas

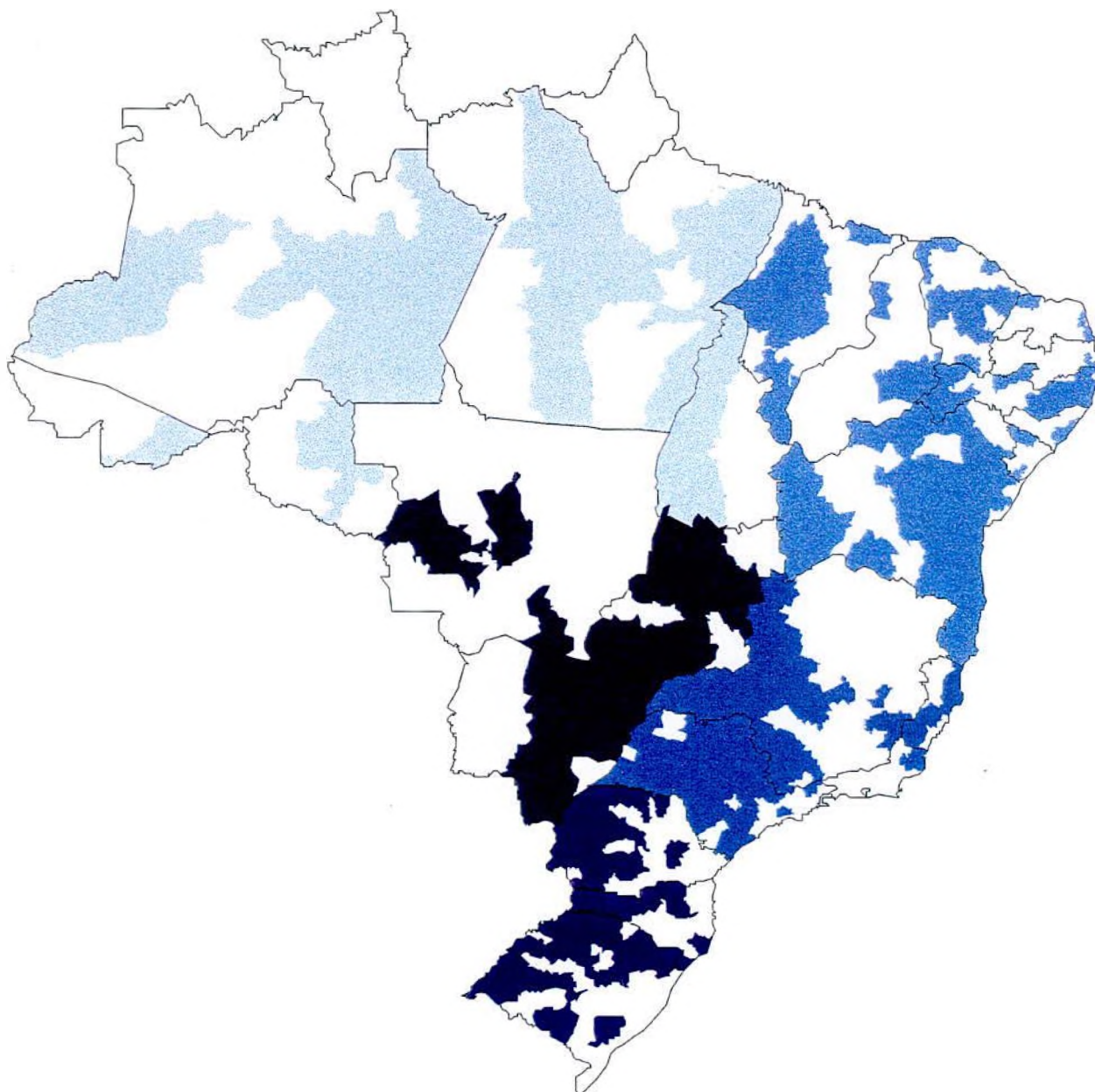
Nº	NOME	População Rural	
		1985	1995
50004	CAMPO GRANDE	34.626	28.277
50006	PARANAIBA	21.188	15.052
50010	DOURADOS	97.728	71.330
50011	IGUATEMI	86.383	68.549
52002	RIO VERMELHO	37.001	27.833
52004	PORANGATU	88.592	56.662
52007	ANAPOLIS	84.664	63.670
52010	GOIANIA	71.233	45.125
52012	ENTORNO DE BRASILIA	104.524	93.477
52014	VALE DO RIO DOS BOIS	36.866	28.323
52018	QUIRINOPOLIS	28.704	18.900
53001	BRASILIA	54.699	119.172

### MRG's Integradas

50003	ALTO TAQUARI	31.383	21.413
50005	CASSILANDIA	7.677	9.872
50007	TRES LAGOAS	28.811	24.955
51004	PARECIS	9.512	14.619
51006	ALTO TELES PIRES	10.229	27.414
51013	TANGARA DA SERRA	24.069	21.647
51021	RONDONOPOLIS	36.754	30.425
52001	SAO MIGUEL DO ARAGUAIA	28.811	19.425
52006	CERES	81.993	60.734
52013	SUDOESTE DE GOIAS	59.549	43.488
52015	MEIA PONTE	64.362	46.356



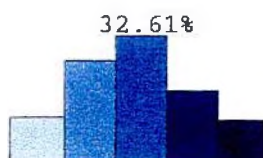
# Brasil - Microrregiões Geográficas



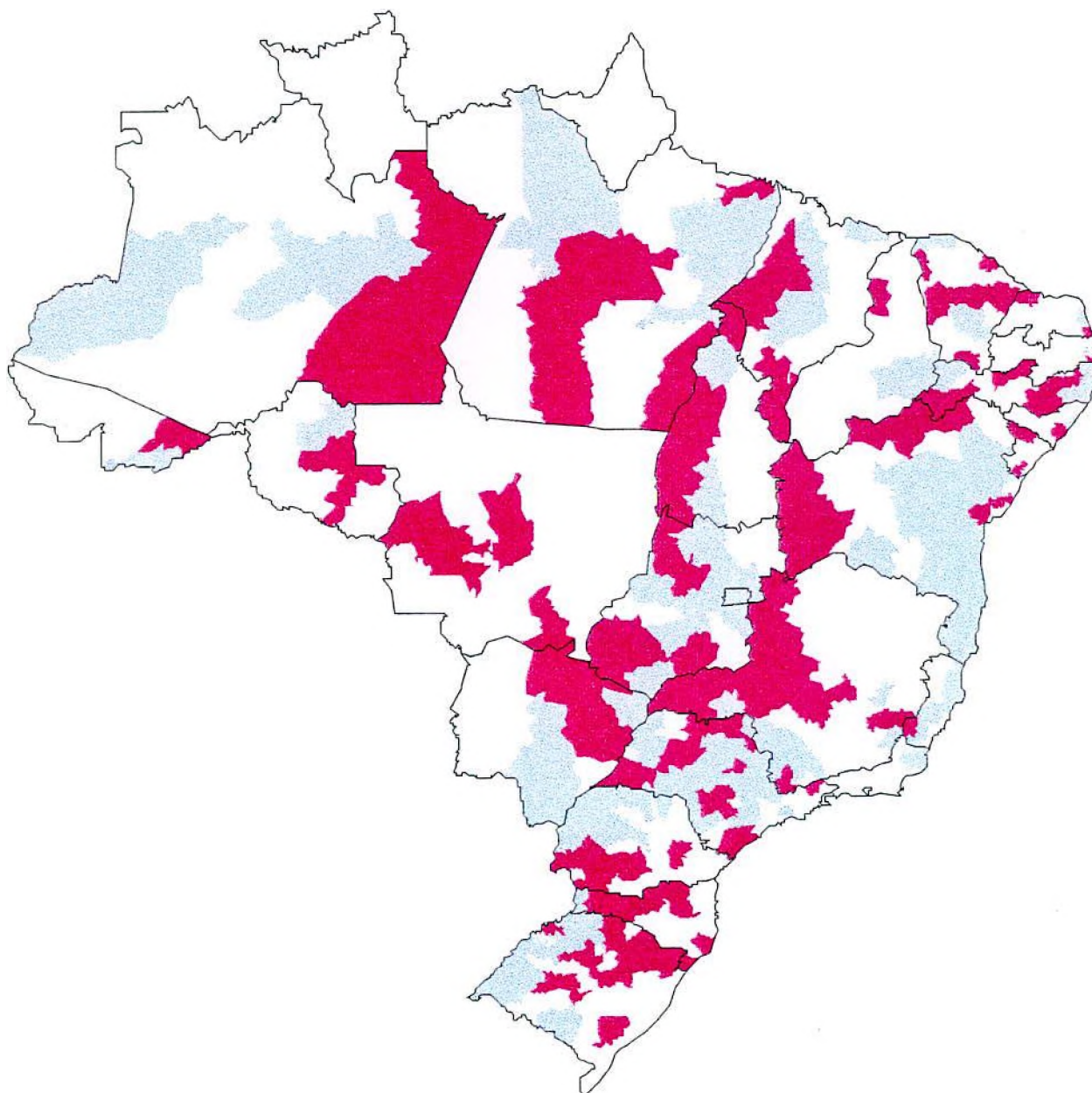
Mapa 1

MRG's com %VBP 85 e 95 maior que a média Macrorregional (233)

- Centro-Oeste (23)
- Sul (44)
- Sudeste (76)
- Nordeste (61)
- Norte (28)




# Brasil - Microrregiões Geográficas



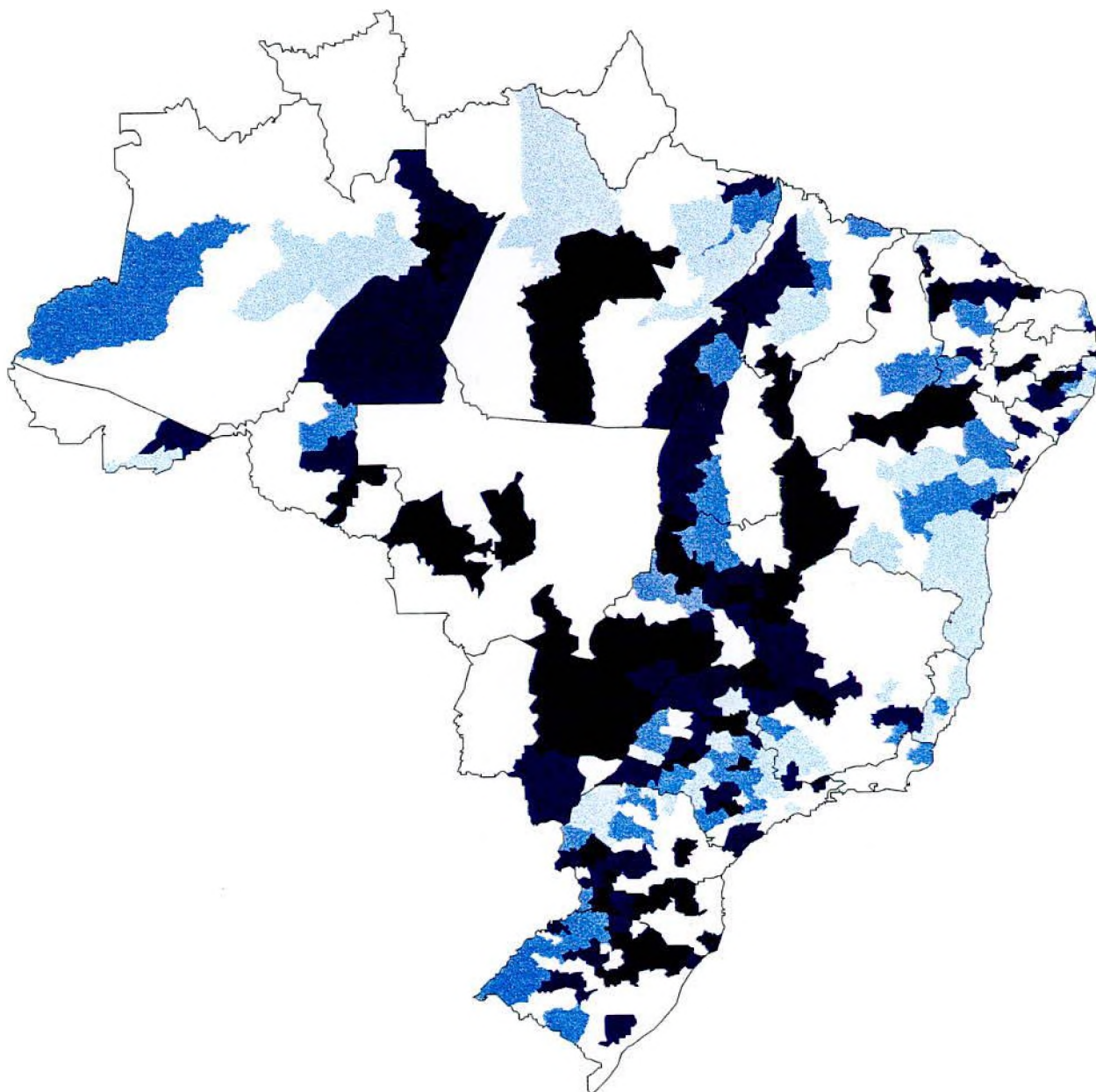
Mapa 2

MRG's-Grau de Dinamismo segundo a Variação do VBP 95/85

 Negativo

 Positivo

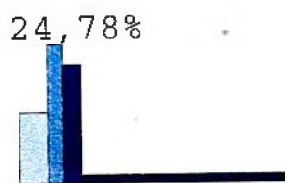
# Brasil - Microrregiões Geográficas



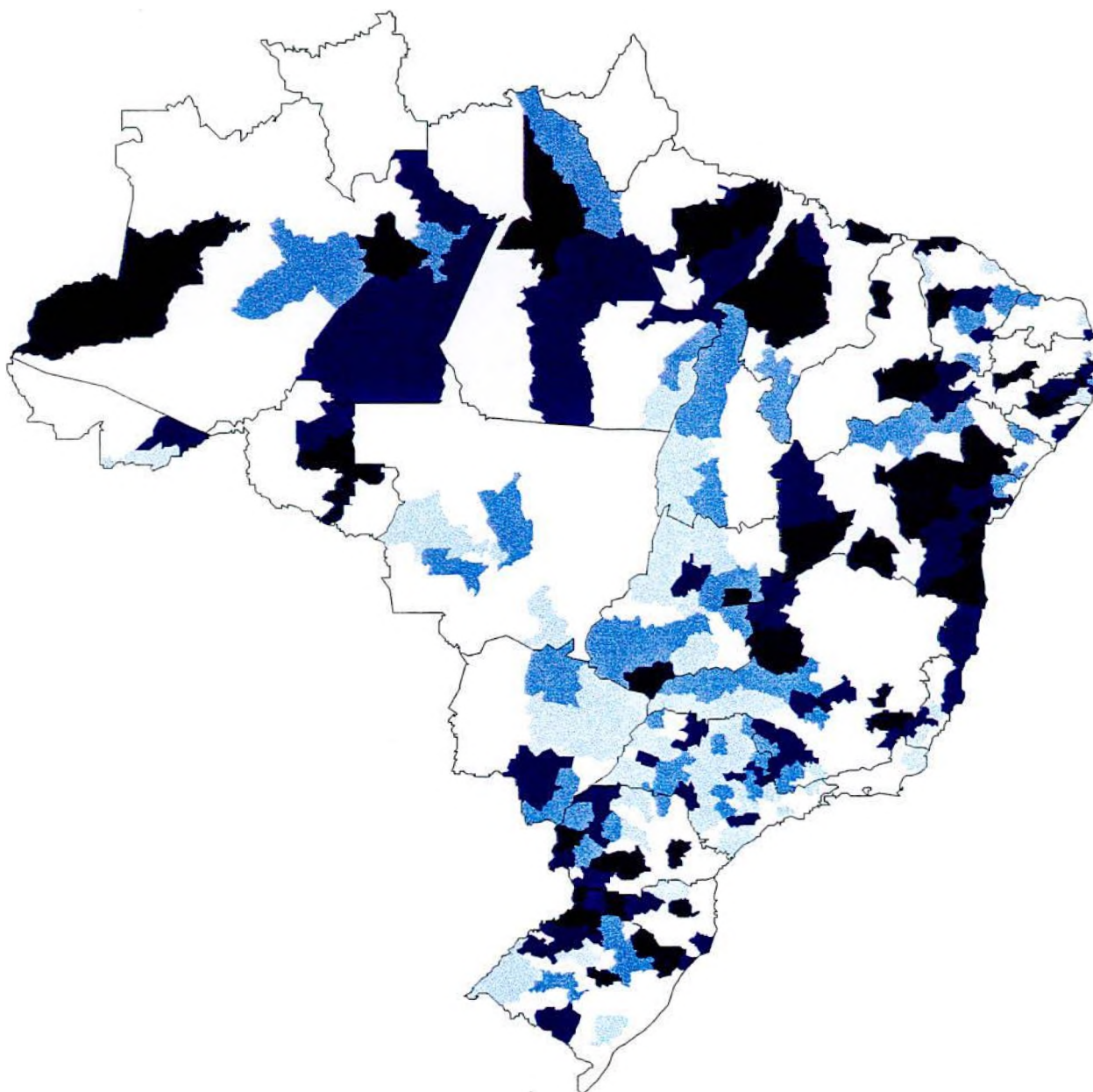
Mapa 3

Variação do VBP 1995/85 para MRG's Seleccionadas

Variação do VBP



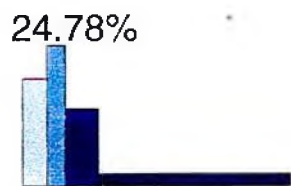
# Brasil - Microrregiões Geográficas



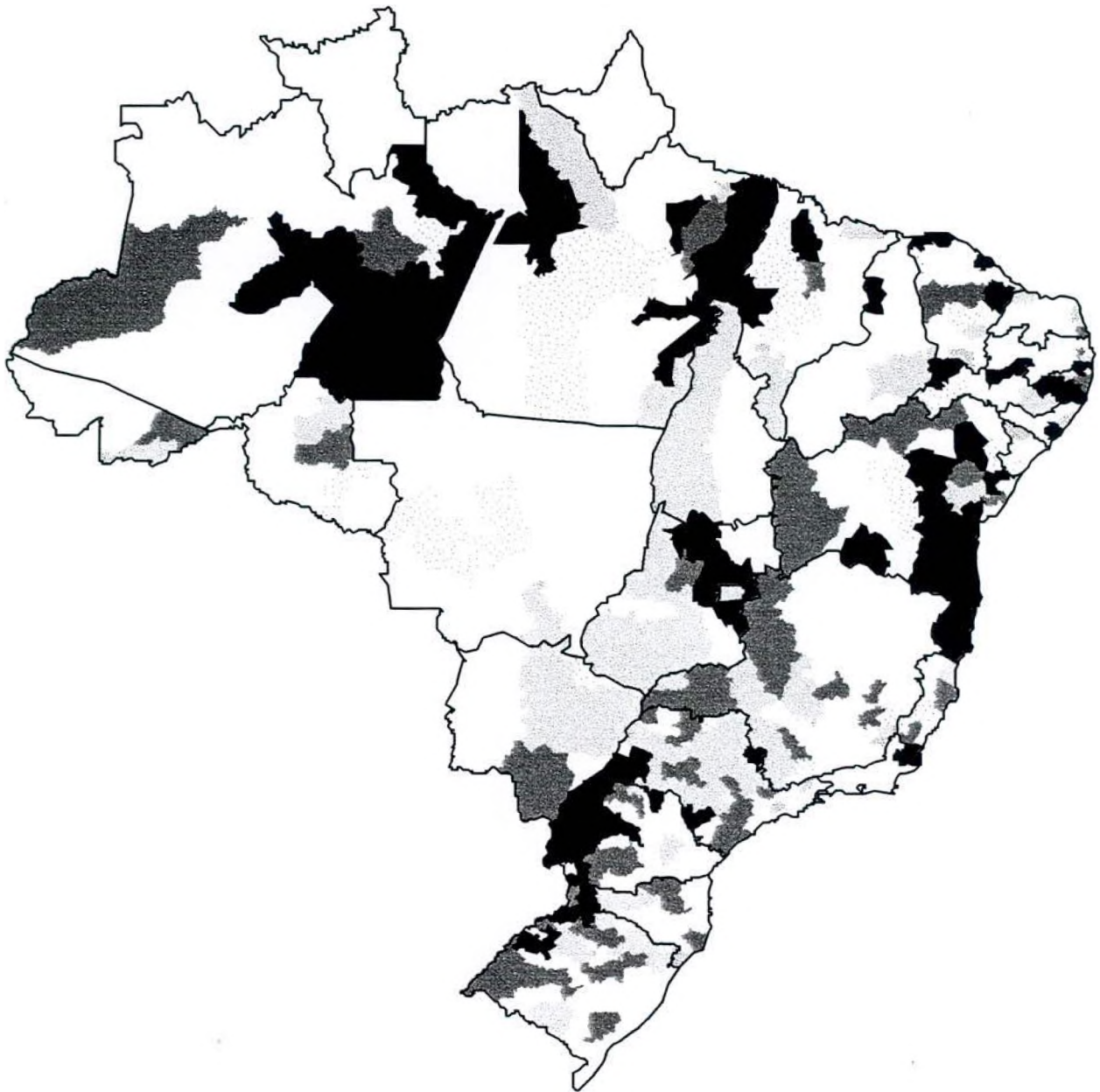
Mapa 4

Participação da MRG População Rural do Brasil

Nível de Participação



# Brasil - Microrregiões Geográficas



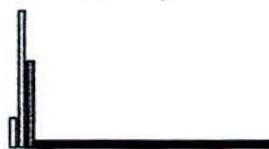
Mapa 5

Participação da MRG na Redução da População Rural Ocupada 1995

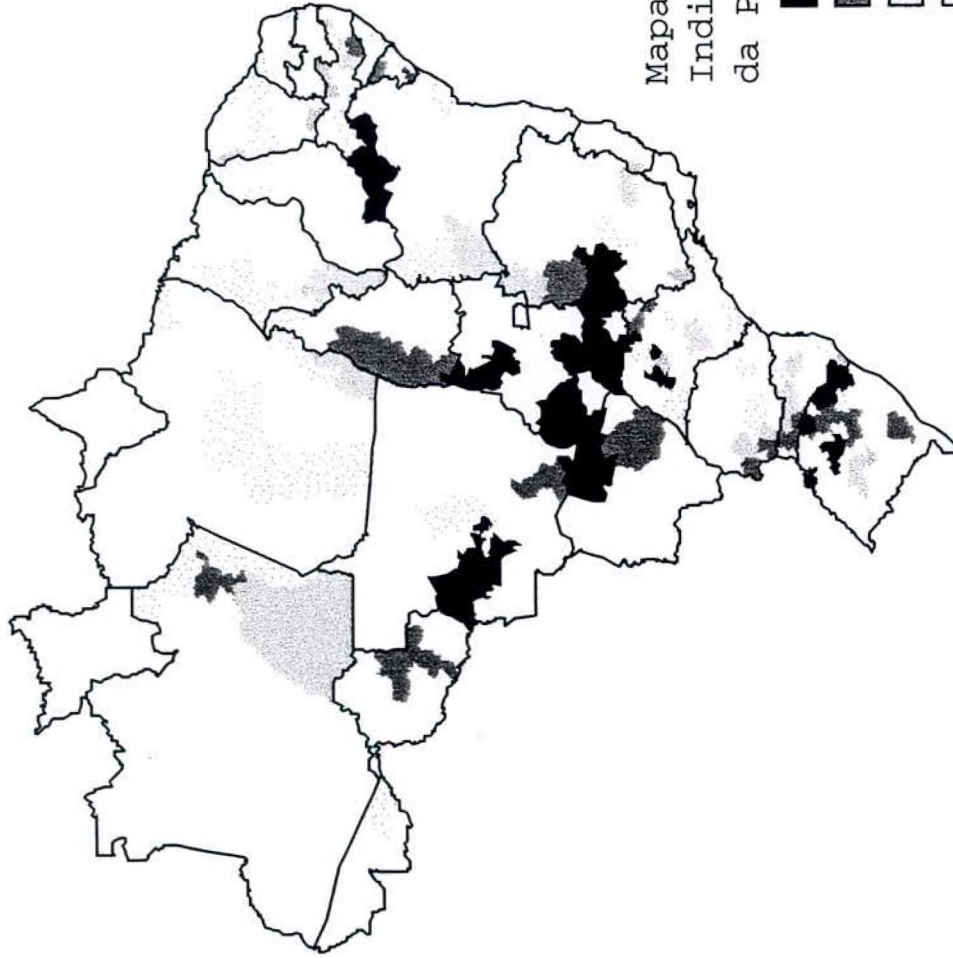
Nível de Participação

- ALTO
- MEDIO +
- MEDIO -
- BAIXO

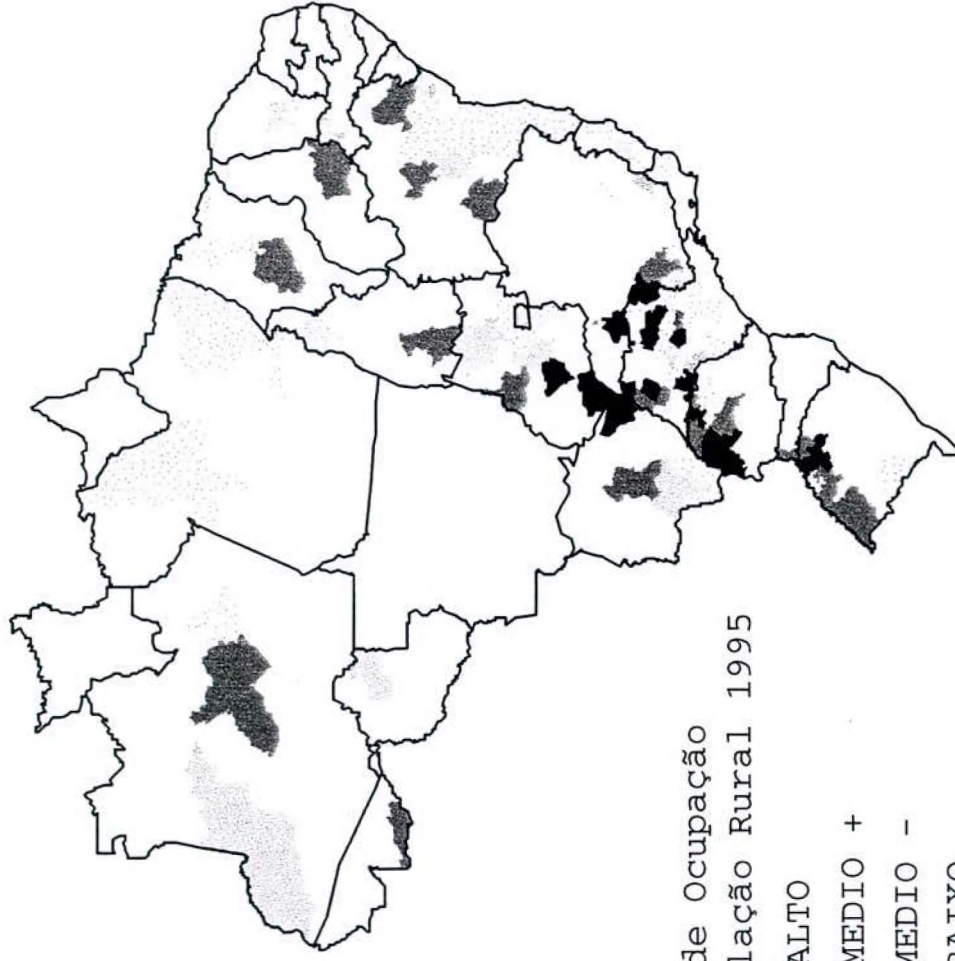
27.77%



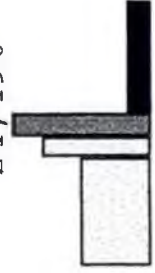
Brasil - Microrregiões Geográficas



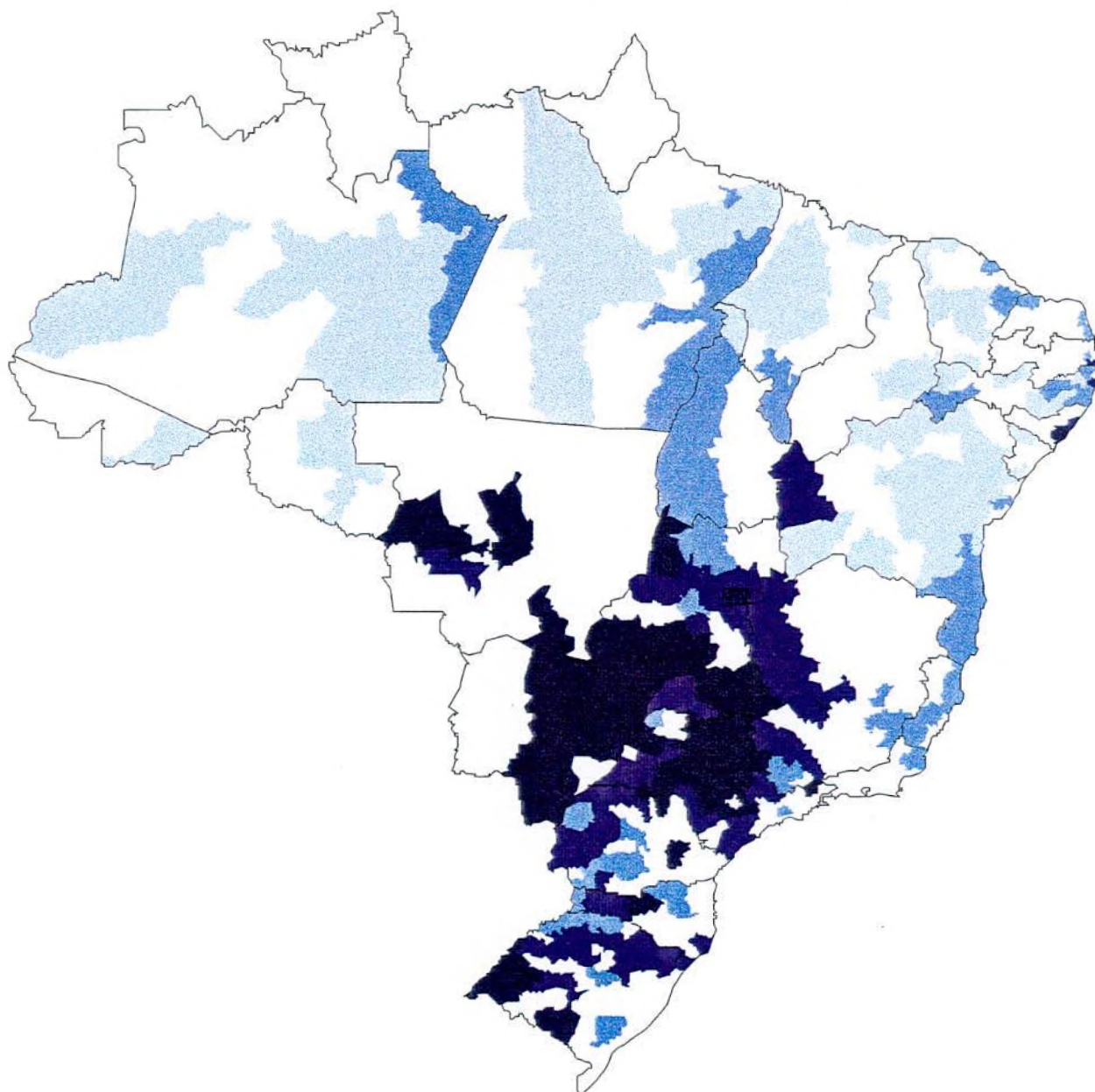
21,81%



24,49%



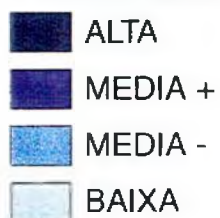
# Brasil - Microrregiões Geográficas



Mapa 7

Produtividade da População Ocupada Rural em 1995

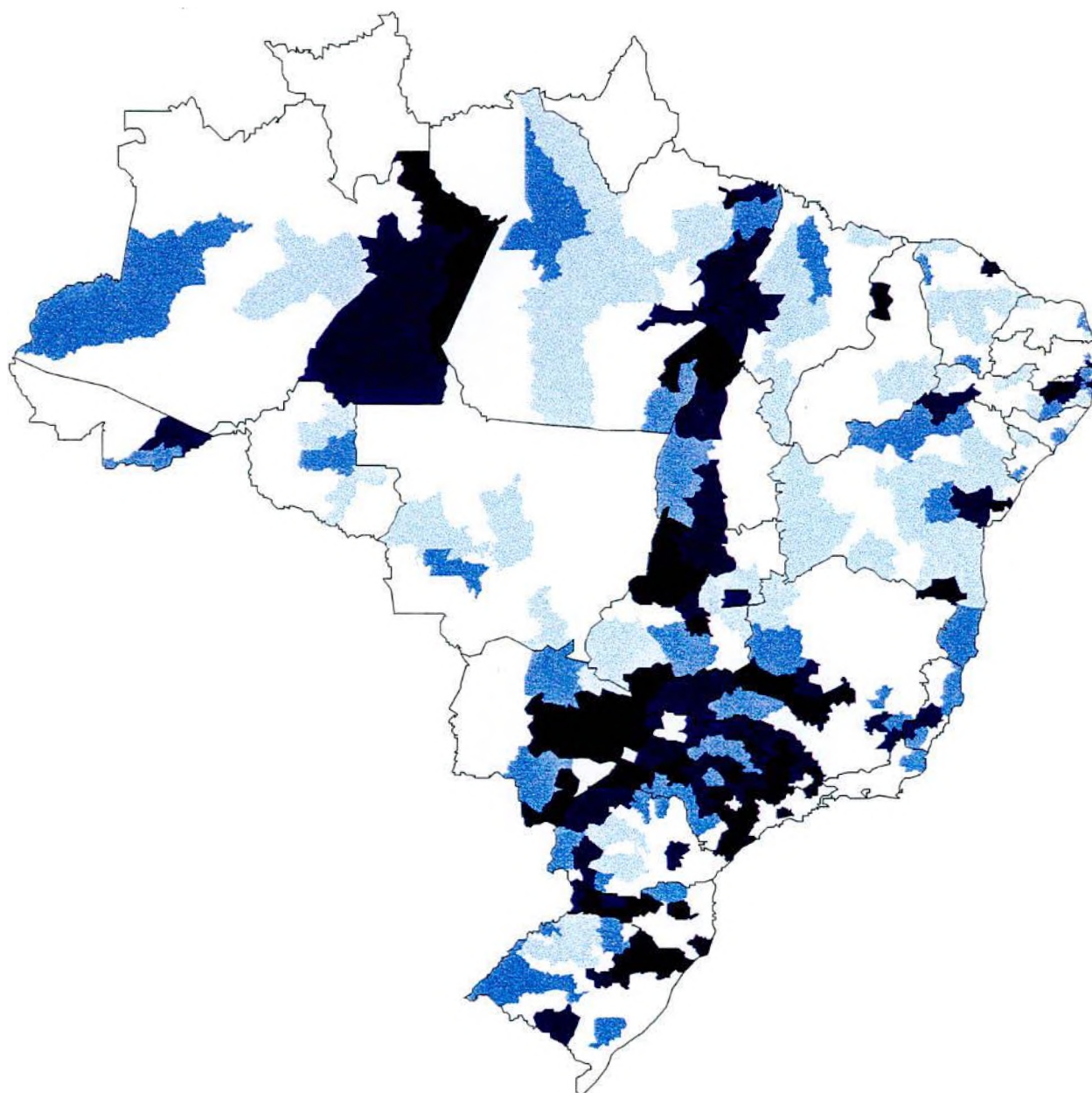
Produtividade da Pop. Ocupada 1995



25.21%



# Brasil - Microrregiões Geográficas



Mapa 8

Produtividade da Terra em 1995

Nível de Produtividade

